

O que disseram os campeões do pessimismo em 1999

PIB <i>Varição do Produto Interno Bruto no ano</i>	IGP - DI <i>Taxa acumulada de janeiro a dezembro</i>	DÓLAR <i>Cotação em reais no fim do ano</i>	TAXA DE JUROS <i>Ao ano na média do ano</i>	BALANÇA COMERCIAL <i>Saldo em US\$ no fim do ano</i>	DESEMPREGO <i>Taxa média do ano</i>
- Citibank/JAN - Tendências Consultoria/FEV - JP Morgan/FEV - Deutsche Bank/FEV	- Lehman Brothers/JAN - BCP Securities/JAN - Citibank/JAN - Merrill Lynch/FEV	- Lehman Brothers/JAN - Citibank/JAN - Banco CCF Brasil/FEV - BCP Securities/JAN	- BCP Securities/JAN - Citibank/JAN - Merrill Lynch/FEV - CSFB Garantia/MAR	- Fipe/FEV - Governo brasileiro/MAR - CSFB Garantia/MAR - JP Morgan/FEV	- JP Morgan/FEV - Citibank/JAN - Fair Corretora/FEV - BankBoston/MAR
-6% -3% a -6% -5,5% -5%	85% 41,2% 35% 33%	3,10 2,25 a 2,50 2,40 2,39	56% 50% 42% 30,9%	+15 bi +11 bi +9 bi +8,5 bi	11,5% 11,4% 11% 11%
O QUE, REALMENTE, ACONTECEU*					
+ 0,6%	20 %	R\$ 1,83	26,4 %	-US\$ 1,3 bi	7,7 %

*Estimativas do Governo e dos órgãos responsáveis pelos cálculos

1999: o ano das previsões furadas

Erros nas estimativas sobre a economia este ano arranham credibilidade dos analistas

Flávia Oliveira

O humorista Bussunda, integrante da trupe Casseta & Planeta, costuma brincar com seu irmão Sérgio Besserman, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dizendo que parte dos economistas do país ficou careca de tanto levar as mãos à cabeça ao fazer análises equivocadas. A julgar pelos erros cometidos nas previsões feitas em 1999 para inflação, taxas de câmbio e juros, desemprego, balança comercial e Produto Interno Bruto (PIB), não faltarão calvos no mundo econômico nos próximos anos.

Só a balança comercial teve desempenho pior que o previsto

A desvalorização do real e o sobe-desce das cotações do dólar, durante todo o ano, desencadearam uma onda de pessimismo que resultou em estimativas de 6% de queda para o PIB, como fez o Citibank, ou de 85% de inflação no ano e dólar a R\$ 3,10, caso da Lehman Brothers. Nem o Governo escapou. Tanto que na revisão do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em março, previu recessão de 4% e superávit comercial de R\$ 11 bilhões.

Afora pela balança comercial — que frustrou as expectativas mais otimistas e deve ser deficitária em US\$ 1,3 bilhão em 1999 — a econo-

mia brasileira mostrou capacidade de recuperação que arranhou a credibilidade dos analistas. O PIB, por exemplo, terá desempenho melhor que o de 1998: a expansão pode passar de 0,6%, contra recuo de 0,12% no ano anterior. O desemprego também pouco explodiu: deve fechar o ano em nível semelhante ao de 1998.

Tudo isso foi consequência da

brusca mudança na política cambial. Mais que isso: da total ignorância sobre a tendência do dólar. O preço da moeda saltou de R\$ 1,21 em janeiro para R\$ 2 no início de março. Caiu para R\$ 1,65 em maio, voltou a passar de R\$ 1,95 em outubro e chega ao fim do ano em R\$ 1,83, num processo esquizofrênico.

— O pecado foi tentar reproduzir

no Brasil o que ocorreu em outros países, sobretudo asiáticos, depois da desvalorização de suas moedas. Os bancos estrangeiros exageraram no pessimismo e os analistas brasileiros acompanharam — justifica o economista Fernando Pinto Ferreira, do grupo francês Louis Dreyfus.

Ferreira é autor de um relatório que mostra como variaram as pre-

visões de bancos, consultorias e Governo ao longo do ano. Descobriu que, em janeiro, as instituições previam, em média, queda de 2,9% para o PIB. No mês passado, o número já era positivo em 0,2%. Na balança comercial, a expectativa de superávit médio de US\$ 7,5 bilhões em março foi substituída pelo déficit de US\$ 1,3 bilhão em novembro.

— A balança foi a grande decepção, mas fomos surpreendidos pelo crescimento do PIB e pela inflação baixa. A razão dos erros foi subestimarmos as mudanças do Brasil real — reconhece Marcílio Marques Moreira, ex-ministro da Fazenda e atual consultor da Merrill Lynch.

Consumidores rechaçaram os reajustes exagerados de preços

Segundo o ex-ministro, os analistas desconsideraram em suas projeções os ganhos de produtividade de 6% ao ano na década de 90, a desindexação da economia e, sobretudo, a mudança de mentalidade de consumidores, que rechaçaram os reajustes exagerados de preços. Já o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, destaca o mérito do Governo em cumprir o ajuste fiscal.

— Não esperava mesmo crescimento do PIB, mas só erra quem faz previsões. O jeito é tentar não errar mais — compromete-se Kawall, num indício de que a prioridade, agora, é evitar a calvície. ■